

Economia - Brasil

Conceição Tavares vê como certa a recessão

3 ABR 1990

CORREIO BRAZILEIRO

Campinas — Durante o seminário "As Novas Tendências da Economia e do Sindicalismo", patrocinado pelo Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a economista Maria da Conceição Tavares afirmou que o Brasil fatalmente entrará em um processo recessivo, não estando também descartada a possibilidade que mergulhe em uma depressão profunda.

Conceição Tavares, que debatou sobre o tema "A Nova Divisão Internacional do Trabalho", disse ainda que 1990 deverá ser um ano muito confuso e agitado

no Brasil, em que os componentes desemprego e até pancadaria, poderão fazer parte do cenário cotidiano nacional.

Na sua palestra, a economista ironicamente qualificou como "sonhos de uma noite de verão" os desejos de se inserir a economia brasileira na do chamado primeiro mundo e que a resolução do problema da dívida externa brasileira será fundamental para a sobrevivência ou qualquer tipo de reposicionamento do País. "No século XIX tínhamos um atraso de 100 anos. Passa a ser quase um consolo ter uma defasagem de 'apenas 20 neste mo-

mento", afirmou.

A economista terminou afirmando que o mundo está muito assustado com as modificações que o empurram em direção à democracia: "Estamos condenados à liberdade e isso dá medo", disse.

O economista Walter Barelli, diretor técnico do Dieese, comentando os primeiros 15 dias de aplicação do Plano Collor disse que a entrada no mercado do dinheiro dos salários pagos no final de abril, ao contrário do que afirma a equipe econômica do governo, poderá não ser suficiente para manter a economia em

funcionamento.

Para Barelli, muitas das ações que estão sendo tomadas pelos economistas da equipe de Zélia são pura teoria, que funcionam bem nos livros, mas que mostram-se "bem diferentes do que é o comportamento normal da sociedade brasileira".

RISCOS

Barelli, que classificou de "ingenuidade pensar-se em negociação numa economia recessiva", acha que o País corre o risco de oscilar entre um entesouramento — caso os assalariados resolvam poupar seus ganhos — e de desa-

bastecimento, caso optem por gastar, por exemplo, em comida.

Já para a ex-ministra Dorothéa Werneck, o Plano Collor "é duro, mas foi a única alternativa para evitar a hiperinflação". Dorothéa disse que daqui para a frente ele irá depender do gerenciamento da equipe econômica de Collor, mas que, até agora, os mais atingidos foram os trabalhadores da construção civil, da indústria de base, os bancários e os servidores públicos. Ela disse ainda que os dois grandes testes do Plano Collor ocorrerão agora, após o pagamento do salário de abril e o mais difícil, após o pagamento do salário de maio.